



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

O românico no concelho de Guimarães

S. Salvador de Pinheiro

Entre as variadas relíquias do românico existentes por todo o concelho de Guimarães, algumas há que ainda não foram dadas em nota para o seu arquivo artístico e que merecem, se não um largo estudo, ao menos boa e justa menção, mesmo que seja apoucada. A S. E. de Guimarães, na verdura da falda da serra de Santa Catarina, fica a paróquia de S. Salvador de Pinheiro, aninhada entre as freguesias de S. Tomé de Abação, Santo Estêvão de Urgeses, Infias e Polvoreira. A' sua roda e a pouca distância, assenta um conjunto de antiguidades valiosas: a românica igreja de Santa Cristina de Serzedelo, edificada pelos Templários no XII século, nessa freguesia que outrora foi cidade romana; Santo Amaro, que os Romanos povoaram, deixando-lhe por lá vestígios da passagem; o monte das três Senhoras, ou a Senhora do Monte, habitada por gentes pre-romanas; o castro de Polvoreira e a Penha, em que remotas populações viveram.

Nesta freguesia de Pinheiro outros povos já houve também. Assim o indica M. Sarmento, falando dum certo penedo lá existente " — mas dá-se como certo que à beira do penedo tem sido encontradas algumas moedas romanas. Pelo outeiro e imediações acham-se alguns fragmentos de louça antiga, e é bem possível que o alto fôsse aproveitado em tempos antiqüíssimos como lugar de refúgio; se porém alguma obra de fortificação ali houve, hoje é escusado procurar-lhe os vestígios." (Rev. de Guimarães. N.º 3. 1888).

Pequeníssima e pobre, esta paróquia tem uma já bem velha história, ainda que escassa. A ordem de

Malta possuía nela meio casal da Arrifana; e os «Portvgaliæ Monvmenta Historica», no *Inventario de omnes hereditates sive et ecclesias de vimaranes*, feito na era de 1097, dizem que o mosteiro de Mumadona já possuía também *villa pinario*. Nos «Vimaranis Monvmenta Historica», num documento de 1059, lê-se *villa asoredi et villa pinario*. A igreja é já notificada nas Inquirições de 1220, paróquia *Sancti Salvatoris de Pineiro*, com o seu *prelatus* Menendus Pineiro (Port. Mon. Hist.) e nas de 1258 se fala da «Ecclesia Sancti Salvatoris de Pignario»; em 1527 tinha a paróquia 22 fogos, e, em 1839, 230 habitantes (Manuscritos do Abade de Tagilde).

E' pois correspondente aos primitivos tempos da monarquia portuguesa a igreja de Pinheiro, desconhecendo-se por completo o ano da sua fundação. Era ela, no seu princípio, uma construção românica rural, segundo o local e as exigências do povo aldeão e serrano daquelas paragens. Dela nos restam hoje poucas lembranças architectónicas; por detrás do altar-mor, assentando quasi sobre êle a tribuna, existe o que julgo ser o primitivo altar, colado à parede extrema da igreja; é de pedra grosseira, mas facida, em forma de caixão, sobre que assenta uma lage que o cobre inteiramente; está sobre a terra do pavimento e tem, logo por cima, gravada em argamassa grosseira, a cruz da sagração da igreja. Mais ao alto abre-se uma fresta na parede, autêntica troneira, hoje coberta exteriormente a cal (!) e interiormente por algum pedregulho (!). Ao lado esquerdo, na parede lateral, e ainda por detrás do altar-mor, está cavado um nicho pequeno, que talvez servisse de arrecadação dos vasos sagrados usados nos sacrifícios divinos. Martins Sarmento, no citado n.º 3 da *Revista de Guimarães*, diz, falando das igrejas de Cerzedo, Calvos, Gêmeos e Pinheiro: «de todas ellas pouco ou nada tenho que dizer, porque nem as minhas investigações pessoas, nem as informações que pedi, produziram nada que valha.» «todas as igrejas d'estas freguezias, a exceptuar Cerzedo, são reconstrucções mais ou menos modernas, em que parece ter havido todo o cuidado de sumir quanto era antigo.»

E tinha razão de sobejo o eminente sábio! Se

por toda a parte é uma verdadeira avalanche de bárbaros sobre o que nos resta do passado! Mas, apesar de tanta mutilação e desbarato, alguma coisa há ainda que ver em Pinheiro. Da primitiva fábrica são os moldilhões românicos que sustentam a cornija, existentes somente na parte que corresponde à capela-mor; ao todo são dezasseis, 7 do lado da sacristia, 9 do outro. Belamente conservados (mas pintados a cal!), são simples, completamente lisos, semelhantes em tudo aos da igreja de N. S.^a da Oliveira, de Guimarães (alguns do exterior e todos os do claustro) e alguns que estão sobre a porta lateral da Sé de Braga. Vê-se que os restos românicos se encontram simplesmente na parte que corresponde à capela-mor, exactamente por essa ser a primitiva construção. No ângulo rematante do testeiro da igreja existe uma pequena cruz de braços curtos, de secção octogonal, talvez posterior à época da factura do monumento; desde o arco cruzeiro até à porta da entrada principal, tudo é novo e relativamente moderno.

E' ainda M. Sarmiento quem nos fala de uma inscrição existente numa aduela do velho arco; e êle lembra que dissesse respeito à história da igreja, pois não a chegou a ver; se existia, desapareceu quando, no alteamento do arco cruzeiro, mandado fazer em 1767 pelo visitador José Camelo, o pico do artista arrasou as suas peças. Sobre esta obra falarei mais adiante. Há tempos o seu digno e inteligente Abade P.^e Abílio Aires Guimarães, mandou limpar da cal o mesmo arco, para que ficasse nua a pedra; e nessa ocasião, se alguma coisa se tivesse conservado, apesar do alteamento já referido, appareceria a descoberto. Não seria inscrição de valor, pois acho incrível que a destruíssem assim. O saudoso Abade de Tagilde, num seu manuscrito, refere-se à porta lateral da igreja, que diz ser em ogiva, e ainda a outra inscrição ao seu lado, gravada na parede; também esta não existe, e, se existe, está coberta a grossa camada de cal. Mas as obras que se fizeram no século XVIII tudo levaram decerto, pois hoje nem vestígios sequer da tal porta ogival. ¿Haveria só uma inscrição, posta pelos dois investigadores em lugares diferentes? Decerto pela tradição o souberam e por isso mesmo sem certeza o

apontaram; a mim também me falaram "dumas letras que havia", sem me dizerem onde!

Desde o Tombo da Igreja, datado de 1592, se pode ver nos sucessivos documentos as variadas e mais ou menos mutiladoras obras por que ela passou, ao lado de outras conservadoras; mas estas são de pouca monta! Cada visitador, na intenção funesta de bem zelar, tinha o seu apetite: um manda cobrir a cal os degraus da pia baptismal, que já nem existem; outro manda apagar as goteiras; outro ainda manda consertar a referida pia, que o visitador Bento Silva Teles, mais tarde, 1747, põe de lado, mandando fazer outra, que é decerto a que existe; em 1636 manda um visitador pôr um retábulo "bem pintado" no arco cruzeiro; como a porta principal era pequena, e para se passar por ela era necessário baixar-se uma pessoa, manda *"tirar-lhe a padieira e o mais que está sobre ella por modo que fique nos Arcos."* o astuto visitador Domingos Santarém, em 1696!

Era esta porta talvez a primitiva, de arquivoltas, pelo que se depreende da padieira e arcos de que fala o visitador; "e o mais que está por cima" era decerto o tímpano! Que Deus lhes perdôe!

Em 1685 o visitador Francisco de Araújo nada ordena, porque andam reformando a igreja. Em 1715 já havia sacristia, que hoje existe ainda, mandada pôr pelo vis. Pedro Vilas-Boas. Já no ano de 1752 estava condenado o arco cruzeiro, mandado alargar pelo vis. Bernardo Carvalho, de forma a gastar-se nêle o dinheiro que queriam os fregueses gastar noutra sacristia. Mas só em 1767 o mutilam; copio na íntegra a visitação 95, que escreveu o vis. José Camelo, já atrás indicado: "Em actos da presente revisita me foi apresentada uma petição que o juis da Igreja fez a S. A. R. a respeito da execução de um capitulo deixado na revisita do ano de 1752 em que se manda abrir e levantar mais o arco cruzeiro da egreja por estar baixo e apertado em atenção a que os freguezes naquella revisita a isso mesmo se tinham offerecido e novamente se offerecem a fazer a dita obra na supplica referida

e na qual o mesmo sr. por seu Real Decreto me remete o dito requerimento para lhe dar a providencia que eu julgar mais conveniente.?.... em cuja atenção examinando eu e ponderando as circunstancias da dita obra que me parece acertada para maior formosura da egreja e desafogo da capella maior della, mas attendendo tambem a que na factura da dita obra poderá succeder maior ruina, que tambem obrigue a uma importantissima despeza a que talvez não poderá acudir com a promptidão?.... o presente estado e possibilidades (?) da freguezia, determino e mando que o juiz e homens do governo della, antes que mandem fazer a dita obra façam ver e examinar por officiaes peritos desenganados e desinteressados se o arco primeiro da dita capela mor se pode tirar e lança-lo abaixo sem dependencia nem ruina do arco segundo que lhe fica superior nem do grande paredam emt.^a pedra que lhe fica por cima até ao teto da egreja e achando que assim se pode fazer sem se bolir nem arruinar o dito arco segundo e o paredão que está sobre elle no termo de um ano que lhe concedo mandará lançar abaixo o arco inferior para que fique servindo só o superior e assim mais desafogada a capela maior e satisfeito o desejo que os mesmos fregueses inculcam ter de que se faça a dita obra." Seria, pelo que daqui se depreende, um arco encastoadou noutro, um inferior, outro superior, umas arquivoltas talvez da primeira construção! Mas lá se foi no camartelo do pedreiro, ficando hoje em seu lugar um arco de meio-ponto, alto e sem graça. Em 1789 o vis. José Maria de Melo Sampaio louva a reforma que se tem feito na igreja, a segunda portanto de que rezam as letras documentais; nessa visitaçào diz ainda: "a egreja é muito curta e insufficiente para recolher o povo nas funções e para a sua mesma formosura necessita de crescer mais dezasseis ou dezassete palmos de modo que se possam meter nela mais dous pisos de campas e ficar ambito suficiente para se poder formar um côro e no pateo delle formar o campanario para o sino porque no sitio em que se acha não deixa vedar as aguas e por esta causa estão abertas e arruinadas as paredes do Fronte hospicio da mesma egreja espero da religião e piedade dos mesmos proprietarios

con corram com as suas esmolas voluntarias par esta obra tanto do agrado de Deos por me informarem que os colonos são pobres e não podem sos fazer esta obra..."

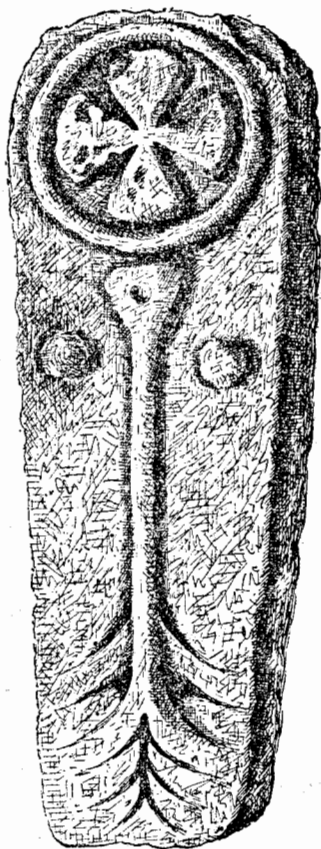
Bem cumprida foi esta ordem: a igreja cresceu até mais de dezassete palmos, segundo creio; e nesta obra lá se foi no entulho o frontispício dela, que era o primitivo, a sua porta, o campanário, e as portas laterais, pois as que existem actualmente são banalísimas! De forma que, como já disse, o que há da primeira construção está na capela-mor onde não tocaram sensivelmente. A igreja hoje, bem que limpa e bem cuidada, é banal, sem relêvos architectónicos, própria de paróquia pobrezinha, como esta é. Mas até o pouquinho que tinha nos seus armários, os Franceses o levaram um dia; num inventário sem data, das alfaías paroquiais, há estas notas "foi-se tudo" e "Furtarão-no os franceses da Igr.^a e mais todas as coroas dos Santos a 24 de março de 1809". No fim dêste inventário há mais esta declaração: "O turibullo, Naveta e colher tudo de prata foi para Lisboa com todas as mais pratas em Abril de mil, e oito centos e oito por ordem do Junó General Francez governou em Lisboa. O bazozinho de levar o Sr. os enfermos q era de prata furtarão-no os Franceses a 24 de Março de 1809 quando intrarão em Guim.^{es}, e a segunda ves em Portugal. Tambem furtarão com os m.^{mo} bazozinho os franceses huma coroa de N.^a Senhora do Rozario, hum splendor de S. Antonio, outro de S. Sebastião, outro do menino Deus tudo de prata".

Por serem curiosas, aqui deixo estas notas; que antigas relíquias não levariam os ladrões?...

Além dos vestígios da época românica de que já falei, tenho ainda a dar nota dos seguintes: por baixo do soalho da igreja, servindo de pilar a uma das vigas travessas, há meia sepultura de pedra; é a parte correspondente aos pés, a mais estreita portanto; é bem talhada, mas completamente lisa, sem ornato algum; da outra metade se não sabe o paradeiro, e é natural que tudo esteja enterrado por ali perto, bem como

tôdas as peças primitivas da igreja, que foram demolidas. A' beira da igreja, do lado da sacristia, enterrada à superfície do chão, estava uma pedra curiosa, que dou em gravura (fig. 1).

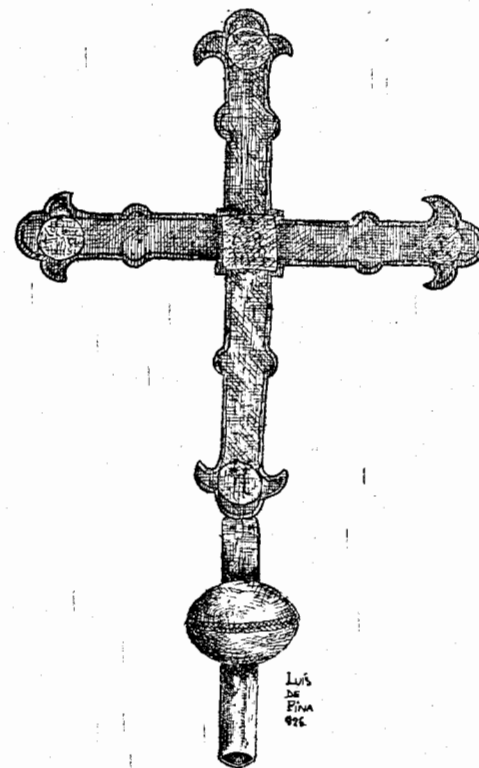
E' uma peça de 0,47 de largo na parte mais grossa, e 0,32 na mais estreita; tem de comprimento 1,79 e de espessura 0,27. O seu formato é o de tampa de sepultura e como tal a dou; tem esculpida a cruz de malta em alto-relêvo, encimando uma haste que fica a todo o resto da altura da pedra; esta haste remata, em cima, com uma expansão triangular, que tem no centro uma pequena excavação, à superfície sòmente; em baixo termina em nervuras de pêne ou raízes; aos lados tem duas meias-esferas grosseiras, como tôda a escultura. Qual a significação dêste lavrado? Terá relação com o casal da Arrifana, pertencente outrora à ordem de Malta? Julgo ser da sepultura que está sob o pavimento da igreja, porquanto a sua parte mais estreita é das dimensões daquela; é semelhante às que existem no pavimento da igreja de S. Miguel do Castelo, Guimarães. Também poderia ter sido uma estela funerária ou marco da Ordem, mas é menos provável.



(Fig. 1)

Luís
DE
PINA
926.

Num gavetão da sacristia, como que abandonada, tôda coberta com grossa camada de tinta clara de óleo, existia uma cruz processional que, pela forma, me chamou a atenção. Descobri-lhe, levemente anunciados sob a tinta, alguns traços de gravura (fig. 2). E real-



(Fig. 2)

Luís
DE
PINA
926.

mente, depois de o Sr. Padre Abílio A. Guimarães, com a sua bondade e a sua paciência, a ter limpo, apareceram as gravuras postas em medalhões, tal como as dou na figura 3, um pouco reduzidas. A cruz é um tanto grosseira, mal cortada, tôda ela de cobre. As extremidades são trevadas, com umas pequenas saliências aos lados dos braços; há um sulco a buril, como tôdas as gravuras são feitas, que acompanha o recorte

da cruz; esta está fixa por dois cravos a um grosseiro pé, cujo nó é volumoso e tem, como único ornato, um gravado de linhas entrecortadas, a tóda a volta. A primitiva imagem de Cristo não existe já; a que tem, é, relativamente, moderna escultura, e menor que a primitiva, segundo os orifícios dos cravos feitos para ela; a primeira imagem deixou, como lembrança, somente os lugares da cravação. Como na extremidade inferior do braço vertical há dois orifícios a par (vid. fig. 2 e medalhão 5 da fig. 3), depreende-se que fôsse cada um para o seu pé, pois as imagens nessa época eram cravadas com os pés separados. Os únicos ornatos desta cruz são 8 medalhões, cinco na face posterior, três na face anterior. As figuras estão assentes em campo ornado a picos de buril, e são de traço grosseiro e delineamento ingênuo.

FACE POSTERIOR

— O medalhão 1 é o do braço direito da cruz e representa um anjo alado, com um véu na mão esquerda e um turíbulo na direita.

— O med. 2 está no braço superior: um anjo descendo de uma nuvem, alado, com um véu também na mão direita e um turíbulo na esquerda.

— Med. 3 — está no centro da cruz: apóstolo ou anjo, meditando ou orando, de túnica simples, sentado.

— Med. 4 — no braço esquerdo: representa o Cordeiro Pascal, imagem simbólica de Jesus crucificado, freqüente desde o século V, nomeadamente na época românica. A mão direita segura a cruz.

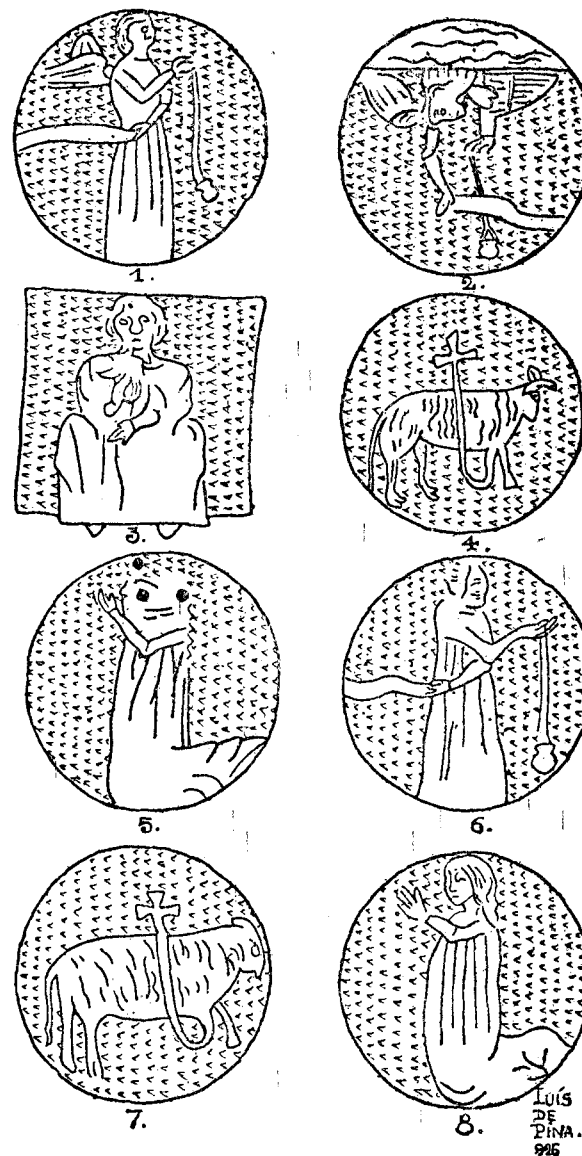
— Med. 5 — no ramo inferior: é um anjo ou apóstolo genuflectido, orando. A cabeça está deformada com os orifícios dos cravos de Jesus Cristo.

FACE ANTERIOR

— Med. 6 — ramo superior: anjo, sem asas, com um turíbulo na mão direita, um véu na esquerda.

— Med. 7 — ramo direito: outro Cordeiro Pascal.

— Med. 8 — ramo esquerdo: anjo genuflectido, ou apóstolo, de cabelos longos, longa túnica, envolvendo-lhe os pés também.



(Fig. 3)

Tôdas estas gravuras são simples e sem relêvo algum. Pelas suas características, pela representação iconográfica do Cordeiro Pascal, pela cruz que sustenta, ainda com a forma de Malta, pelo conjunto de certos elementos, esta cruz processional é românica. Talvez do século XII, pela tendência ao florido que já apresenta nas extremidades, bem que esta característica seja às vezes apresentada anteriormente. Aqui ficam as relíquias da paroquial de S. Salvador de Pinheiro. Ao seu digno Abade, que muito me ajudou no desenterramento da pedra funerária e na rebusca dessas relíquias, ponho aqui o meu agradecimento. Já lhe pedi, para o museu arqueológico da Sociedade M. Sarmento, a referida pedra; vai tratar dessa cedência junto de quem governa a freguesia, estando eu certo no bom resultado da empresa. Seria talvez proveitosa uma excavação funda e larga no local onde essa pedra foi encontrada, pois que há ali sinal de pedregulho enterrado; aí, como no monte de Santo António, onde já apareceram vestígios de louça e moedas romanas. Mas.....

LUÍS DE PINA.

Setembro de 1926.